



Cortes na Educação

Negros e pobres serão os mais prejudicados com a redução no orçamento das escolas e universidades públicas.

PÁGINAS 8 E 9

Escola Livre de Dança da Maré revela talentos de nível internacional

PÁGINAS 4 E 5

Pesquisa: quais os impactos da violência na saúde mental dos mareenses?

PÁGINAS 12 E 13

Cineclubes: Rabiola e Conceição estão de volta

PÁGINAS 14

Circuito de Favelas por Direitos

Projeto da Defensoria Pública pretende criar um canal de diálogo com moradores de favelas e mapear as violações de direitos humanos.

PÁGINAS 6 E 7



Nunca é tarde para recomeçar

Não é fácil voltar a estudar depois de adulto, mas é possível e vale muito a pena!

PÁGINAS 10 E 11

EDITORIAL

Sem educação não há solução. A frase é um chavão, dessas que muitos usam sem critério algum e indiscriminadamente, quando querem parecer inteligentes e bem-intencionados. O fato, no entanto, é que, independentemente de ser uma frase de efeito ou chavão, ela expressa de maneira bastante resumida uma verdade absoluta: sem educação não há solução – nem para a violência, nem para o desemprego, nem para a falta de solidariedade. Sem ela, tudo fica muito mais difícil de se resolver – pra não dizer impossível.

Isso porque educação, tanto no sentido amplo quanto no restrito do termo, remete à melhoria de condições de vida, de civilidade, de empregabilidade, de saúde e de tudo o mais que se puder imaginar. Educação é um valor em si mesmo e uma sociedade só pode ser justa, igualitária, próspera e humanizada se todos os que nela estão inseridos puderem ter acesso irrestrito, amplo e universal à educação.

Em resumo, investir em educação, em qualquer tempo da vida e em qualquer circunstância, significa, impreterivelmente, apostar num futuro melhor, numa vida melhor e em uma forma de fazer isso da melhor maneira possível. Em duas reportagens “Talento que ultrapassa fronteiras” (página 4) e “Recomeçar é possível” (páginas 10 e 11) damos pequenas mostras de como o desejo, a vontade e as oportunidades podem mudar vidas. Não queremos dizer que só conseguem mudar suas vidas aqueles que assim querem. O que queremos afirmar é que é fundamental que as condições (leia-se escolas, universidades, cursos técnicos, etc.) para que as pessoas acessem a educação sejam garantidas a todos – inclusive àqueles que acham que não querem. Infelizmente, nas páginas 8 e 9, trazemos a matéria “Ataques à educação”, que relata exatamente aquilo que acreditamos ser o caminho oposto ao progresso (no melhor sentido que o termo pode ter). Não investir na educação pública, gratuita e de qualidade, isso sem falar de seu acesso universal, é perpetuar a desigualdade social, o desemprego, a violência, o caos, a miséria. É retroceder como civilização.

Para finalizar, queremos reafirmar de modo bem claro: o Maré de Notícias acredita na educação como forma de mudar o mundo (o particular, de cada pessoa) e o geral, na qual todos estamos inseridos. Com essa crença profunda, lutaremos de modo pacífico, gentil e fraternal (como aliás manda a boa educação) para que todos os mareenses, crianças, jovens, adultos e idosos, de todos os estilos e escolhas de vida, possam, se assim o desejarem, usufruir do acesso a esse direito inalienável que é a Educação!

O MARÉ DE NOTÍCIAS
TAMBÉM É SEU!

Envie suas sugestões de reportagem e colabore para o jornal que a Maré tem. Entre em contato pelo Zap:

 (21) 97271-9410

CHARGE

ENQUANTO ISSO, NUMA
PACATA FAMÍLIA BRASILEIRA...

PAI, POR QUE ESSE
LIVRO DE HISTÓRIA
DO BRASIL ESTÁ FALTANDO,
EXATAMENTE, 30% DAS
PÁGINAS?



SÃO TEMPOS
DIFÍCIS, FILHO.
É PRECISO ENTENDER
QUE...

.. ENTENDER?! COMO EU
POSSO ENTENDER ALGUMA COISA,
SE JUSTAMENTE A PARTE QUE FALA
SOBRE O GOVERNO
ATUAL NÃO CONSTA
NESSE LIVRO?



Alto

HUMOR

A professora tenta ensinar Matemática para o garoto:

“Se eu te der quatro chocolates hoje e mais três amanhã, você vai ficar com...”

O aluno completa: “Contente!”

A professora pergunta: “Quem foi Tiradentes?”

O aluno responde: “Foi um homem que morreu enforcado”.

A professora critica: “Só isso?”

O aluno rebate: “Ele foi enforcado e a senhora ainda acha pouco?”

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!
comunicação@redesdamare.org.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

da
redesdamaré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda – Maré
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21044-242
Telefones: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

actionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

COORDENADORA DE

COMUNICAÇÃO
Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORA EXECUTIVA E

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Eliane Salles
(Mtb 17026/RJ)

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Flávia Veloso
Jéssica Pires
Thaynara Santos

FOTÓGRAFOS

Douglas Lopes
Jéssica Pires

REVISORA

Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO

Mórla_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque Gráfico do O Globo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O MARÉ DE NOTÍCIAS chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o Jornal no nosso site: www.mareonline.com.br

 @redesdamare  @redesdamare  @redesdamare

O dom de cuidar

Enfermeiro fala de seu trabalho que tem como “habilidade essencial” o amor ao próximo

HÉLIO EUCLIDES

Apesar das particularidades de cada carreira, é imprescindível que o enfermeiro goste de gente e que considere seu maior prêmio a recuperação de um paciente. Mais que cuidar das feridas, das dores e das doenças, a Enfermagem restaura a integridade e a dignidade humana. Apesar do não reconhecimento, é um agente transformador, que luta pela redução das injustiças sociais, a partir de seu trabalho. Atualmente, não existe hospital que possa fazer medicina de ponta se não contar com um corpo de Enfermagem bem-preparado.

Álvaro dos Santos, de 44 anos, além de ser morador de Marcílio Dias, é um dos oito enfermeiros que trabalham na Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva, na Nova Holanda (em toda Maré, trabalham 68 enfermeiros). “Fui vendo o trabalho das parteiras e acabei amadurecendo a ideia de atuar na Saúde. Em 1998, fiz o curso de Técnico de Enfermagem e gostei”, conta. Seu primeiro trabalho foi com os Médicos sem Fronteiras em 2004. Depois, em 2007, no Centro Municipal João Cândido, ambos como Técnico e na favela onde mora. Foram 12 anos de trabalho em Marcílio Dias.

Ele detalha que não é fácil se formar em Enfermagem, pois são cinco anos de estudos, e depois vem a Pós-Graduação, que Álvaro fez em Saúde da Família e Obstetrícia. “Na faculdade, a adesão ao curso é pequena. A minha turma começou com 60 alunos e terminou com 20. No meu caso, foi cansativo, trabalhava de dia e estudava à noite. Agradeço à minha mãe, que foi meu porto seguro, me deu um superapoio”, lembra. Álvaro só lamenta que se formou em dezembro de 2016 e a mãe faleceu um mês depois. “Eu via a dificuldade de minha

mãe, então estudei para cuidar dela, que era cardiopata”, confessa.

Depois que concluiu os estudos, Álvaro foi trabalhar no Ciep Samora Machel. “Foi um desafio, com pessoas diferentes, mais atribuições e responsabilidades. Quando cheguei aqui, encontrei um mundo novo, pois vinha de um local pequeno. Me assustei e me perguntei: O que eu vim fazer aqui? Me acostumei e hoje gosto muito da Maré, e não vejo dificuldade em trabalhar aqui. Na colação de grau fiz um juramento de ser fiel à profissão e todo dia me lembro disso”, exalta. Para ele, o profissional precisa se identificar com a carreira, trabalhar com vontade, fazer o que gosta.

É importante também que todos saibam as atribuições do médico e as dos enfermeiros – questão que, por vezes, leva a mal-entendidos. “Temos os nossos limites. Nós transcrevemos as receitas, fazemos um exame físico e avaliamos a medicação. Tendo algum problema, ele volta para o médico”, explica. Ele só fica chateado com os comentários de que o enfermeiro almeja ser médico. “Respondo que fiz minha escolha e desejo ser enfermeiro até o último dia da minha vida. É linda a profissão, até o nome soa bonito. Nós trabalhamos com pessoas, sem o enfermeiro não há atenção básica. Atuamos no indivíduo e não na doença”, exalta. Ele comenta que o agradecimento na Enfermagem, muitas vezes, vem com um sorriso ou como fez o Arlindo Cruz, que compôs uma canção, em 2016. Arlindo, que é filho e irmão de enfermeiros, fez a música atendendo a um pedido de sua madrinha, Beth Carvalho. A música foi finalizada durante os 45 dias em que o artista esteve internado em função de uma operação no joelho. Confira.



Álvaro dos Santos, morador de Marcílio: desejo de ser enfermeiro até o fim de sua vida

ANJOS DE BRANCO

Autor: Arlindo Cruz

Anjos de branco,
Sempre abençoadas sejam suas mãos.
Irmãs de santos, irmãs de Calcutá,
Freiras companheiras
Anjos de branco,
Mensagem de esperança e fé.
Mas que encantadas,
Sempre dedicadas, são guerreiras.
Nem tudo são flores,
No caminho que Ana Neri ensinou.
De cabeça erguida,
Secando feridas,
Salvando vidas com amor.

VOCÊ SABIA?

O Dia Internacional da Enfermagem e do Enfermeiro é comemorado em 12 de maio. Trata-se de uma homenagem a Florence Nightingale, que nasceu neste dia, em 1820. Florence foi uma destacada enfermeira, que atuou em guerra e criou a primeira Escola de Enfermagem da Inglaterra. No Brasil, a Enfermagem tem em Ana Néri (1814-1880) sua pioneira. A enfermeira prestou serviços voluntários nos hospitais militares durante a Guerra do Paraguai, que durou de 1864 a 1870.

Talento que ultrapassa fronteiras

Jovens da Maré, formados na ELDM, ganham o mundo com sua arte e técnica apurada

HÉLIO EUCLIDES

No Maré de Notícias, Edição 68, de agosto de 2016, um dos textos mostrava dois dançarinos formados pelo Núcleo 2 de Formação Intensiva e Continuada, da Escola Livre de Dança da Maré, criada e dirigida por Lia Rodrigues Companhia de Danças, em parceria com a Redes da Maré: **Rafael Galdino**, morador do Parque União, e **Gustavo Glauber**, cria da Nova Holanda. Eles integraram, por três anos, a turma do Programa Training Cycle da Escola PARTS (Estúdios de Investigação e Formação em Artes Performativas) da Bélgica e estão prestes a se formarem em uma das mais renomadas escolas da Europa e do mundo. A vez agora é de **Luyd Carvalho**, e **Marllon Araújo**, ambos da Nova Holanda, que estão fazendo as malas para passarem o próximo triênio como alunos dessa escola de dança contemporânea.

Luyd e Marllon fizeram audições para a PARTS há três anos, mas acertaram na trave. Isso não abalou o trabalho. Ao contrário. Enche-os de garra e motivação. Assim, dedicaram-se ainda mais, estudaram ainda mais e, este ano, realizaram o sonho de ficarem entre os 45 escolhidos de um total de 1.196 inscritos – gente de todos os cantos do planeta que sonha o mesmo sonho dos meninos da Maré. “A ida deles mostra um resultado de muito esforço para alcançar o que bus-

camos: profissionalização e continuidade. Essas aprovações vêm dar legitimidade e reforçar todo o nosso trabalho. Isso renova a esperança de que é possível viver da dança e que nunca devemos desistir”, exalta **Gabriel Lima**, coordenador da Escola de Dança da Maré. Os dois jovens atualmente fazem licenciatura em dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Coração de estudante – e de bailarino – da favela

Luyd de Souza começou na dança aos 14 anos, com o *hip hop* no Centro de Artes da Maré. Depois, passou pela dança urbana e, em 2014, deu os primeiros passos na dança contemporânea, integrando o Núcleo 2. “A Escola de Dança da Maré tem uma formação muito boa, dá de 10 a 0 em muitas. Ela me deu muito material para compor o que sou, foi uma vivência”, destaca. Luyd já participou de turnê internacional, mas agora é diferente, será uma estada. “É uma escola com professores e coreógrafos renomados. Vou de coração aberto para receber essa formação”.

Marllon Araújo iniciou sua vida artística cedo, aos 8 anos, dançando em



Marllon e Luyd: a caminho de uma das mais renomadas escolas de dança do mundo

festas. Em 2011, ingressou na Escola de Dança da Maré, com a prática da dança contemporânea. “É como se fosse minha segunda casa. A partir daí, conheci outros espaços, com um relacionamento com o mundo, realizando vários intercâmbios, com seis viagens pela Europa”, lembra. A futura temporada em Bruxelas faz o jovem pensar no futuro. “Agora quero saltar alto para chegar lá. O diferencial é que vou estudar dança sem medo dos tiros e do caveirão. A dança me deu experiên-

cias, mas não me mudou, sou o mesmo favelado, que pretende voltar para essa favela”, conclui.

Luyd e Marllon viajam no dia 4 de julho, inicialmente para aulas de reforço em inglês. Só depois disso é que começará a formação em dança. O único problema é o dinheiro – Ah! Esse vil metal... Os alunos vão estudar em uma escola particular, na qual é preciso pagar 4,5 mil euros pela inscrição. A temporada de formação é de 12 mil euros e os gastos cotidianos referentes a um ano em Bruxelas ficam em cerca de 18 mil euros. A boa notícia é que eles ganharam bolsa do curso que vai custear parte dos gastos.

"Agora quero saltar alto para chegar lá. O diferencial é que vou estudar dança sem medo dos tiros e do caveirão. A dança me deu experiências, mas não me mudou, sou o mesmo favelado, que pretende voltar para essa favela."

MARLLON ARAÚJO

Quer ajudar? Contribua a partir de R\$ 25, por meio da página:



www.vakinha.com.br/vaquinha/557236

Você não vai se arrepender de apostar nesses talentos!

Muito mais que uma escola de dança

Um espaço de arte, educação, dança, formação e cidadania

HÉLIO EUCLIDES

Em agosto de 2008, o Centro de Artes da Maré passou por reformas e adaptações para as atividades de criação da Lia Rodrigues Companhia de Dança. Uma parceria da Redes da Maré com a Companhia, que proporcionaria oficinas de dança e expressão corporal abertas à comunidade e a outras atividades. Essa junção já dura oito anos, desde outubro de 2011, com o objetivo de democratizar o acesso dos moradores à arte e à dança, articulando ações de educação e profissionalização, formação de plateia e práticas socioeducativas.

A escola funciona com um núcleo de oficinas abertas ao público e o Núcleo 2, dedicado à formação de 20 jovens. “Ela cria possibilidades, não pensamos num único perfil; se o aluno se tornar biólogo e o que aprendeu servir para sua carreira, já valeu. Queremos formar pessoas por meio da dança. No Núcleo 2 não se aprende só dança, tem aula de inglês e música. Há também palestras sobre temas que envolvam o território. Isso não acontece em outros lo-



Audição para o Núcleo 2 em 2018: Escola Livre de Dança da Maré abriga atualmente cerca de 300 alunos em sete oficinas diferentes

cais de dança”, conta **Gabriel Lima**, coordenador da Escola de Dança da Maré.

Atualmente, a escola tem cerca de 300 alunos em sete diferentes oficinas. Depois dessa trajetória, outros parceiros agregaram à escola, como Hermès, fundação francesa, e Price Claus, holandesa. De acordo com Gabriel Lima, o foco não é apenas a dança, mas o território. “Nós sobrevivemos e existimos, mas quem atira de helicóptero não sabe disso. Estar aqui é um desafio, e não dá só para falar de

dança, enquanto as pessoas se abrigam em banheiros para se proteger de tiros”, relata.

Para **Isabella Porto**, coordenadora do Eixo Arte e Cultura da Redes da Maré, o trabalho de formação soma com o de ser dançarino. “Este ano, a ênfase do trabalho é uma reflexão sobre os eixos da Redes da Maré. Partimos para uma formação cidadã, algo

além da dança. Esse é um projeto já consolidado, com uma trajetória de conquistas”, destaca. Ela acredita que um fato importante é a proximidade com a Lia Rodrigues, que inspira e motiva os bailarinos. Detalhe importante: este ano a Lia Rodrigues Companhia de Danças completa 29 anos de trabalho - uma trajetória dedicada à dança e à Maré.

“A primeira vez que eu pisei no Centro de Artes da Maré foi quando eles inauguraram o espaço em 2009; até então o Galpão era apenas tomado por um único palco. Eu cresci naquele lugar. Eu tinha apenas 13 anos de idade, quando uma amiga me convidou para fazer aulas avulsas de dança contemporânea, que até então eu não fazia ideia do que fosse. Vi pessoas indo e vindo, construções e mais construções para que, então, se tornasse a Escola Livre de Dança da Maré. Tive contato com pessoas incríveis. Coreógrafos e espetáculos renomados. Foi lá que conheci grande parte dos meus amigos, que com o passar dos anos, se tornariam a minha família. Basicamente foi a minha segunda casa!”

GUSTAVO GLAUBER

Bailarino, ex-aluno da Escola de Dança da Maré, prestes a se formar na Escola PARTS, na Bélgica



DOUGLAS LOPES

Parceria com a Lia Rodrigues Cia de Danças leva inspiração e motivação aos alunos da Maré

O direito das favelas

Projeto da Defensoria possibilita aos moradores das favelas denunciar violações de direitos

JÉSSICA PIRES

A Intervenção Federal na Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, que durou de fevereiro a dezembro de 2018, imputou às populações pobres e periféricas uma série de violações, a maioria decorrentes de suas ações truculentas – algo que os moradores dos territórios favelados jamais esquecerão. Essas operações geraram também indignações, que se transformaram em mobilizações de pessoas e organizações que lutam por direitos, sobretudo o direito à vida. Uma dessas instituições, a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, foi além e criou o “**Circuito de Favelas por Direitos**”.

“Estar próximo aos territórios populares, reconhecendo nestas localidades a necessidade de criar um ambiente de proteção e promoção de direitos”. Este é o objetivo do Circuito de Favelas por Direitos, descrito no Relatório 2018, divulgado no *site* da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro. Em outras palavras: a ideia é aproximar a Defensoria Pública das favelas para que aconteça um diálogo e uma escuta real entre a instituição e os moradores dessas comunidades.



Visita do Ministério Público à Maré em maio: parte do Circuito de Favelas por Direitos

Assim, será possível – para a Defensoria – colher relatos dos próprios moradores sobre como acontecem as operações policiais e as tantas violações de direitos consequentes delas.

Basta de violações

Depois dessa escuta e registro, a Defensoria encaminha as denúncias de violações para os órgãos de Justiça responsáveis, como a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) ou para a Ouvidoria da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, que também participam do circuito. “A negação dos direitos passa pela invisibilização e pelo silenciamento das violações dos direitos e das reivindicações, mas

também pela insensibilidade. Daí que essa aproximação e vocalização das demandas reprimidas por direitos e justiça desempenham uma função reveladora e de sensibilização e, por isso, é tão relevante”, esclarece o defensor **Daniel Lozoya**, no Relatório Final do Circuito de Favelas por Direitos.

Um dos resultados da metodologia do Circuito é a identificação dos tipos de violação, que variam desde as que envolvem domicílios até à abordagem. “A gente conseguiu identificar 30 tipos de violações recorrentes, que dividimos em cinco categorias de violações e essas violações com algumas variáveis. E aí a gente identificou isso, criou um fluxograma, prestou – a par-

tir dos órgãos da Defensoria –, assistência para os casos individuais, em que as pessoas queriam assistência. E, em termos coletivos, a gente fez algumas movimentações”, disse Daniel.

“Essa foi a motivação do Circuito: saber que em territórios favelados, em territórios pobres, a população sofre com a violação de direitos por parte dos agentes de Segurança e que ela não é ouvida sobre isso, não tem repercussão. Têm repercussão, muitas vezes, apenas, as mortes. E não é à toa, porque a morte é a pior das consequências, a pior tragédia, mas há violações cotidianas que a gente sabia que acontecia, mas não sabia exatamente quais eram, como se davam, quais aconteciam mais”, completa **Priscila Oliveira**, assessora da Ouvidoria da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.

Em 2019, a Maré e mais duas outras favelas (Salgueiro, em São Gonçalo, e Parque das Missões, em Duque de Caxias) passaram a ter monitoramentos regulares. “A gente sempre teve muito apoio. E isso vem crescendo”, concluiu Priscila.

ALTOS GASTOS, MUITAS MORTES

Confira um breve levantamento do resultado da Intervenção Federal na Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro:

 **320 dias**

Duração 10 meses (320 dias), de fevereiro a dezembro de 2018.

 **R\$ 16,8 milhões**

Só para a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro foram destinados e pagos R\$ 16,8 milhões, de acordo com dados do Relatório Final do Observatório da Intervenção, produzido pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec).

 **10 mortes**

42% dos homicídios na Maré (10 pessoas mortas) ocorreram em operações que contaram com a atuação das Forças Armadas.

O que fará a Defensoria Pública na Maré?

Dar assistência jurídica gratuita e evitar violações de direitos são alguns de seus objetivos

JÉSSICA PIRES

A Defensoria Pública é uma instituição que tem o objetivo de oferecer, de forma gratuita, assistência e orientação jurídica aos cidadãos que não possuem condições financeiras de pagar as despesas desses serviços. Alguns projetos e áreas de atuação da Defensoria também lutam pela defesa dos direitos humanos, individuais e coletivos e de grupos em situação vulnerável. Lembrando que a assistência jurídica gratuita a pessoas que não têm condições de pagar pelo serviço é um direito e uma garantia fundamental de cidadania, previsto no artigo 5º, inciso LXXIV, da Constituição da República.

A Redes da Maré é uma das organizações que apoiam as ações do Circuito de Favelas por Direitos na Maré, juntamente com outras organizações da sociedade civil locais, associações de moradores e o Fórum Basta de Violência Outra Maré é Possível. Diante

da importância desse e de outros projetos da Defensoria, que buscam a garantia de direitos humanos e direitos civis de forma gratuita, fala-se sobre a importância da existência de um núcleo da Defensoria Pública para atendimento direto na Maré. “A ideia de haver um núcleo da Defensoria Pública na Maré é uma maneira direta de promover o acesso à Justiça e um importante e urgente reforço à luta pela garantia de direitos aos moradores. Nasci e cresci na Maré e desde cedo aprendi que acessar direitos era algo que podia ser muito custoso, distante e muito demorado para quem morava longe do centro da cidade, especialmente quem vivia em favela”, diz **Levi Germano**, morador do Parque União, estudante e estagiário de Direito do Eixo Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré.

FIQUE LIGADO EM SEUS DIREITOS!


Você pode saber mais sobre os locais de atendimento, programas e serviços da Defensoria, acessando o [site www.defensoria.rj.def.br](http://www.defensoria.rj.def.br); ligando para o Atendimento ao Cidadão pelo número **129** e seguindo as redes sociais:

 /defensoriapublicadoriodejaneiro

 /ASCOMDPGERJ

Para mais informações, acesse também os seguintes links:


 observatoriodaintervencao.com.br/dados/relatorios1

 defensoria.rj.def.br/uploads/arquivos/714cb4c987214566b88001472e6b83f9.pdf

 redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BoletimSegPublica2018.final.pdf

Caveirão voador e violações recorrentes

As operações policiais que vem marcando 2019, com o uso do caveirão voador, têm levado medo e pavor aos moradores. Isso porque embora não haja registros (pelo menos, não oficiais) de mortes diretamente executadas do helicóptero, constata-se, no entanto, que as ações que contam com sua atuação são as que resultam em mais mortes.

 **20 de junho de 2018:** sete execuções na Maré, uma delas do menino Marcos Vinícius da Silva, de 14 anos, que estava uniformizado e a caminho da escola.

 **6 de maio de 2019:** oito mortos.

 **27 de março de 2019:** dois mortos

A operação do último 6 de maio, que atingiu as favelas Conjunto Es-

perança, Vila do Pinheiro, Vila do João e Salsa e Merengue, assustou pela letalidade e pelas violações aos domicílios de moradores. Um dia depois, as Defensorias Públicas do Estado e da União, e a Ouvidora da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro estiveram no ponto crítico da ação, o Conjunto Esperança, onde aconteceram as execuções. A visita foi parte do Circuito de Favelas por Direitos. Nela, foram ouvidos relatos que serão incorporados à Ação Civil Pública (ACP) da Maré, que já corre na Justiça desde 2017.

Na ACP, há a determinação de um plano de redução de danos do Estado às comunidades que convivem com as violências policiais, além de prever o uso de ambulâncias e GPS nas viaturas das polícias durante as operações. “O que a gente tem vis-



Pedro Strozemberg no lançamento do Boletim de Segurança Pública

to é um aumento de letalidade dos agentes de Segurança pública não só no Rio, mas no Brasil, fruto de uma política que legitima esse tipo de intervenção. É importante que a gente destaque sempre que o papel da Segurança pública é a preservação da vida, e não colocar vidas em risco, independente de quem seja”, afirmou **Pedro Strozemberg**, ouvidor da Defensoria Pública do Rio, durante a visita.

Ataques à vista

Cortes na educação prejudicarão negros e pobres, estudantes mais dependentes de programas sociais e de inclusão



DOUGLAS LOPES

Protesto em 15 de maio: manifestantes vão às ruas em mais de 200 cidades; estima-se que só no Rio 200 mil pessoas se reuniram na Candelária

JORGE MELO

No dia 15 de maio, o Brasil viveu uma jornada de manifestações. No Rio de Janeiro, mais de 200 mil pessoas reuniram-se na Candelária, no centro da cidade. Em mais de 200 cidades brasileiras houve protestos. Ao comentar as manifestações, o presidente Jair Bolsonaro disse que se tratavam de “idiotas úteis”. No mesmo dia 15, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, tentou explicar, na Câmara dos Deputados, o bloqueio de 30%, (R\$ 7,4 bilhões) dos recursos para as universidades, escolas técnicas e de Ensino Médio federais, medida que originou os protestos. O ministro disse que se a reforma da Previdência fosse aprovada poderia rever o bloqueio. Culpou os governos Dilma Rousseff e Michel Temer. “Não somos responsáveis pelo

desastre da educação, não votamos neles”, disse, na ocasião.

No dia 22, Weintraub voltou à Câmara. Dessa vez, para a sabatina na Comissão de Educação. Apenas repetiu o que já havia dito. Nesse mesmo dia,

“65% dos nossos estudantes concluíram o Ensino Médio em escolas públicas e a renda familiar é de R\$ 1.328,00; são estudantes que requerem uma universidade pública capaz de assegurar condições objetivas de permanência [dos estudantes].”

ROBERTO LEHER
Reitor da UFRJ

ministério da Economia anunciou que liberaria cerca de R\$ 1,5 bilhão para a Educação. Mesmo assim, o corte ainda ultrapassa os R\$ 5 bi-

lhões. Antes disso, no dia 20, Weintraub se reuniu com os reitores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (USRN); da Universidade Federal do Semi-Árido (Ufersa) e do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e sugeriu que os estudantes, em função dos cortes, assumissem funções dos funcionários terceirizados, entre elas a limpeza das universidades.

Alunos pobres serão os mais afetados
Iamara Viana é professora da PUC-RJ e do Instituto de Educação Carmela Dutra. Graduou-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fez Mestrado e Doutorado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e, graças a uma bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (Capes), vin-

culada ao Ministério da Educação, fez estágio na *École de Hautes Études en Science Sociales*, em Paris/França. Segundo ela, um corte desse porte inviabiliza as instituições universitárias e – certamente – atinge com mais precisão e contundência negros e pobres, estudantes historicamente mais dependentes de bolsas e programas de incentivo para se manterem nas universidades. “Posso afirmar que para esses grupos, do qual faço parte, será praticamente impossível desenvolver pesquisas científicas”.

Os números confirmam os temores da professora. Pesquisa da Associação dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), realizada em 2018, revela que a maioria dos alunos das universidades federais, ao contrário do que se é amplamente alardeado, vem de famílias com renda *per capita* de até 1,5 salários mínimos. E são pardos ou negros. Segundo o reitor da UFRJ, Roberto Leher, em aula-pública proferida nas manifestações de 15 de maio, “65% dos nossos estudantes concluíram o Ensino Médio em escolas públicas e a renda familiar é de R\$ 1.328,00; são estudantes que requerem uma universidade pública capaz de assegurar condições objetivas de permanência”. Na ocasião, Leher disse ainda que a maioria dos que abandonam a universidade o faz para trabalhar, prover seu



Estudo mostra que 65% dos alunos das universidades públicas têm renda familiar de R\$ 1.328

próprio sustento e o da sua família.

Balbúrdia

Os ataques à Educação começaram antes de o atual governo assumir o poder. Suas promessas de campanha miravam – sem dó nem piedade – as instituições de ensino público. Mas os ataques não ficaram sem respostas. Paulatinamente, as manifestações estão crescendo.

Apesar de apreensiva, Yamara Viana, que também coordena um curso de Pós-Graduação da PUC, no polo Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, está otimista. “É fantástico ver como alunos do Ensino Médio e de várias universidades e professores das redes pública e particular estão se posicionando contra os cortes”.

Uma dessas manifestações aconteceu no dia 8 de maio, na Universidade Federal Fluminense (UFF). O ato foi organizado pelos sindicatos de professores e funcionários, com apoio das entidades estudantis. E contou com a participação de mais de 5 mil pessoas. A UFF tem nove campi; 43 mil estudantes matriculados, 130 cursos de Graduação, 8 mil alunos de Pós-Graduação e 3.373 docentes. E estava

na mira do ministro da Educação. No dia 30 de abril, ele anunciou o bloqueio de 30% dos recursos destinados a três universidades que, segundo ele, promoviam “balbúrdia” (discussões políticas e manifestações). As outras universidades promotoras de tais “balbúrdias” são a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Como foi alertado de que a medida era ilegal, o ministro decidiu ampliar o bloqueio para todas as federais.

Samantha Viz Quadrat é professora do Curso de História da UFF há 13 anos e docente há 25, progredindo do Ensino Fundamental à Pós-Graduação. É uma das mais importantes pesquisadoras da ditadura civil-militar (1964–1985), com uma produção acadêmica volumosa, com artigos, livros, participação em seminários e simpósios, no Brasil e Exterior. “A UFF teve um impacto enorme na minha vida. As oportunidades de crescimento pessoal e profissional que a educação pública me deu fortalecem meu compromisso em dar um retorno ao País e à sociedade brasileira”, afirma.

Educação na linha de tiro

Não pairava dúvida de que a Educação não seria uma prioridade do governo e que os professores e as universidades públicas seriam os alvos. Em agosto de 2018, em entrevista ao *Jornal das Dez*, da Globonews, Jair Bolsonaro afirmou que retiraria recursos das universidades e que “o jovem brasileiro tem tara por formação superior”. Sugeriu que os estudantes procurassem cursos técnicos profissionalizantes. “Vamos tirar mais recursos de cima [do ensino superior] e jogar mais no ensino infantil, fundamental”, disse o então candidato.

A promessa foi parcialmente cumprida: se por um lado o ensino superior se vê ameaçado, como advertia o então candidato, as promessas de investir na Educação Básica e Secundária não foram nem de longe

cumpridas. O que se vê é exatamente o contrário – o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), que promove políticas públicas para a Educação Básica e Secundária, sofreu um corte de 47%.

Raphael Alberti tem 33 anos e é professor há nove. Formou-se em História na UFRJ e concluiu recentemente o mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Atualmente, trabalha em Caruaru, Pernambuco, no Ensino Médio. “Desde o governo Michel Temer, as políticas públicas relacionadas à Educação têm sido feitas sem um debate amplo, com a participação de estudantes, professores e comunidade escolar. Em um País com curta tradição democrática, assistimos preocupados à escalada de um regime autoritário eleito democraticamente. Tudo bem contraditório assim”, diz Alberti.

ATAQUES À EDUCAÇÃO

- 02 FEB** Edital tira dos livros didáticos a obrigação de “isenção de erros”, suprime parte que combate a violência contra a mulher e a inclusão da cultura quilombola. Após polêmicas, alterações são anuladas.
- 02 MAI** Colégio Pedro II sofre corte de R\$18 milhões (36% de seu orçamento).
- 06 MAI** Centenas protestam em frente ao Colégio Militar (RJ), onde Bolsonaro participa de evento comemorativo.
- 08 ABR** Ricardo Velez cai. Abrahan Weintraub assume o MEC.
- 09 MAI** Capes bloqueia 3.474 bolsas de estudos.
- 13 MAI** Centenas protestam em frente ao Colégio Militar (RJ), onde Bolsonaro participa de evento comemorativo.

Recomeçar é possível

Cursos para Jovens e Adultos auxiliam os que querem trilhar novos caminhos

JÉSSICA PIRES

“**S**e a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”. O pensamento do educador e filósofo Paulo Freire, que é referência para muitos que constroem a Educação no Brasil, reflete de forma cristalina o cenário da educação nos territórios periféricos do País. Sobretudo para aqueles que se afastaram do processo de aprendizagem, que enfrentam muitos desafios e têm poucos incentivos para recomeçarem o percurso escolar. Na Maré, questões que são motivos conhecidos para a evasão e o afastamento das salas de aula, desde a infância, são somadas aos desafios específicos de territórios periféricos e favelados. Contudo, há uma que marca na maioria das narrativas: a necessidade prematura de garantir a renda própria ou da família. Com o passar dos anos e a necessidade do retorno, seja para reinserção no mercado

de trabalho, permanência nele, ou ainda a busca por direitos que não foram garantidos durante a vida, a volta às salas de aula passa por desafios ainda maiores e estruturais: a necessidade de garantia de renda permanece, falta incentivo familiar, demandas do lar e parentais, falta de tempo, pouca proximidade das escolas e dificuldade de circulação na cidade.

Estratégias falhas

Se as políticas públicas para a Educação Básica visivelmente não são eficazes, considerar que elas dão conta da reinserção e permanência de jovens e adultos no sistema de ensino é uma estratégia falha. É preciso entender as especificidades. “Você deixa de ver esse sujeito como alguém que vê o mundo de uma forma específica e passa a comparar com outros sujeitos que têm formas específicas de ver e agir, até por conta de suas experiências com a



Voltar a estudar: um esforço que vale a pena para transformar sonhos em realidade

própria aprendizagem, e passa a comparar e ensinar da mesma forma que se ensina para crianças. Isso me preocupa muito”, diz **Edvânia Ferreira Bezerra**, Coordenadora Pedagógica pela UFRJ do Escreva Seu Futuro, projeto de alfabetização de mulheres e uma parceria entre a Redes da Maré - Casa das Mulheres da Maré, Universidade Federal do Rio de Janeiro (URRJ) e a marca de cosméticos L'Oréal - Lancôme.

A grande questão, segundo Edvânia, é que a Educação de Jovens e Adultos ainda não é, de fato, considerada e tratada como um segmento da educação, e não tem políticas públicas para atender às necessidades específicas dos estudantes. A EJA ainda é tratada como uma alternativa para “escoar” jovens e adultos com baixo rendimento escolar ou ainda existe como projeto de organizações da sociedade civil, como é o caso da Redes da Maré.

Dificuldades

A disponibilização de Centros de Educação de Jovens e Adultos, com acessibilidade, facilidade de acesso da população de diferentes bairros, acesso à internet banda larga, entre outras ferramentas de apoio, é uma disposição da Lei Municipal nº 5.977, de 23 de setembro de 2015. Porém, não é o que vemos. De acordo com **Alciclea Ramos dos Santos**, moradora da Nova Holanda, educadora de jovens e adultos há nove anos e professora do projeto Escreva Seu Futuro, as escolas que oferecem turmas de educação para jovens e adultos não conseguem garantir a flexibilidade, o olhar individualizado e métodos de ensino que consigam garantir a permanência dessas pessoas.

“É importante refletirmos também para qual perfil que o incentivo à educação se constitui. É um perfil muito específico de pessoas que estão nesse quadro de evasão.



Alunas do projeto Escreva Seu Futuro: curso também é ministrado na Casa das Mulheres da Maré

Quem são essas pessoas? Onde moram? Então existe um desinteresse em considerar as especificidades desse perfil”, reflete **Alessandra Pينهiro**, tecedora da Redes da Maré e coordenadora geral do projeto Escreva Seu Futuro.

Segundo Alessandra, essas dificuldades são muito maiores para as mulheres. “Elas se tornam muito mais vulneráveis a essa evasão por conta dessas responsabilidades domésticas assumidas apenas pelo fato de ela ser mulher”, diz.

Alfabetização de Mulheres na Maré

Vania da Costa Silva tem dois filhos e é nascida e criada na Nova Holanda. As dificuldades surgiram bem cedo para ela e aos 9 anos de idade parou de estudar. Foram questões familiares e de saúde que impediram Vania, ainda na infância, de dar continuidade à sua formação. **Maria do Carmo de Araújo** tem 3 filhos e veio do Nordeste com 14 anos. Ainda com essa idade havia apenas frequentado algumas aulas do Movimento Brasileiro de Alfabetização (**Mobral**). Ao chegar ao Rio, a necessidade de trabalhar e as dificuldades de acesso à escola foram os motivos para o estudo ser deixado de lado.

As duas mareenses fazem parte da turma da professora Alcicleia Ramos no projeto de Alfabetização de Mulheres. “Eu gosto de fazer curativos, faço em quem precisar, meu sonho é ser Técnica de Enfermagem. E também estou fazendo o curso de Gastronomia para ser chefe de cozinha”, revela Vania. Para Maria do Carmo, era muito constrangedor não conseguir preencher

documentos com dados pessoais e, hoje, é motivo de orgulho para ela e toda a família o seu retorno às salas de aula. Seu desejo é fazer graduação em Biologia.

De acordo com Edvânia Bezerra, são muitas as mudanças percebidas no campo da subjetividade e da autoestima de mulheres - e também de homens - que reingressam para o ambiente escolar: “O sonho deixa de estar estagnado na sua mente, para estar em ação com o seu aprendizado”, diz.

Educação para Jovens e Adultos na Maré

Em 2017, foram 35 dias em que as escolas da Maré tiveram suas atividades suspensas devido às operações policiais. Em 2018, foram 10 dias sem aulas. Além de todas as questões comuns a territórios periféricos, a dinâmica dos conflitos armados e operações policiais na Maré também dificultam a permanência de quem está disposto a retomar o desafio de estudar.

Vitor Felix Ferreira Bezerra é nascido e criado na Maré, concluiu o Ensino Médio em uma escola de formação de professores, inclusive pela dificuldade em acessar as únicas duas escolas que oferecem esta etapa de ensino na Maré. O jovem, como muitos mareenses de sua geração, é o primeiro - e por enquanto único de sua família - a ingressar em uma faculdade pública. Segundo Vitor, foi se aproximando mais desse mundo da educação que começou a enxergar sua identidade como docente na Educação de Jovens

e Adultos e isso foi um divisor de águas em sua trajetória. “Acredito muito no ensino público e no poder que ele tem de mudar nossa sociedade na base”.

Vitor é um perfil comum na Maré não apenas pela trajetória de ser o pioneiro no acesso ao Ensino Superior na fa-

mília. Ele, assim como Alcicleia Ramos, retorna para a Maré para retroalimentar essa ideia de que um apoia o outro, ou seja, a lógica de quem sobe um degrau estende a mão para o que está no degrau de baixo. E assim segue, até onde todos estejam no lugar em que queiram estar.

DOIS PROJETOS, INÚMEROS FRUTOS

ESCREVA SEU FUTURO

Projeto de alfabetização de mulheres

Patrocinadores: Redes da Maré - Casa das Mulheres da Maré, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e L'Oréal - Lancôme.

✓ 122 alunas inscritas.

✓ Início março de 2018.

São realizadas em seis pontos da Maré: Associação de Moradores de Marcílio Dias, Associação de Moradores do Conjunto Esperança, Centro de Referência de Mulheres da Maré (Vila do João), Lona Cultural Herbert Vianna (Baixa do Sapateiro), Sede da Redes da Maré (Nova Holanda), Casa das Mulheres da Maré (Parque União).

EJA DA REDES DA MARÉ

Educação de Jovens e Adultos

Parceria da Redes da Maré e a Fundação Roberto Marinho, com apoio do Instituto Somos e Instituto Humanize

✓ 14 turmas na Maré na metodologia do Telecurso.

✓ 470 jovens e adultos atendidos.

Acompanhe as redes sociais da Redes da Maré para ficar por dentro do processo de inscrição para as próximas turmas!



VOCÊ SABIA?

Está no artigo 205 da Constituição Federal de 1988: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. E também na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, que afirma que a educação constitui direito fundamental da pessoa, do cidadão. O acesso à educação efetivo permite a um indivíduo ir muito além do desenvolvimento de habilidades técnicas. A educação leva ao raciocínio lógico e à consciência cidadã que podem garantir ao indivíduo, inclusive, o acesso a direitos básicos.

Precisamos falar sobre saúde mental na Maré

Redes da Maré e universidades realizam pesquisa sobre os impactos da violência na saúde mental dos mareenses

THAYNARA SANTOS

Só em 2019, já são 10 dias sem aulas nas escolas da Maré, 11 dias sem acesso aos serviços públicos de saúde, 16 operações policiais que impossibilitaram moradores de voltarem ou saírem de casa para o trabalho, faculdade ou mesmo a passeio. Isso sem falar na insuficiência de espaços culturais, como bibliotecas, lonas, museus, arenas e cinemas em um território que concentra milhares de pessoas.

O medo constante de ser ferido ou morto, a necessidade de estar sempre alerta quanto à presença do “caveirão voador” – helicóptero que dispara tiros a deus dará – na comunidade e o risco de sair de casa e não poder voltar devido às operações policiais que podem durar horas a fio afetam, diretamente, a saúde mental e física de quem vive na Maré. Esses fatos não podem ser naturalizados – ainda mais quando alteram o dia a dia de 140 mil pessoas. Os números são do último Boletim “Direito à Segurança Pública na Maré” (2018) e só aumentam.

Por que uns e não outros?

A Maré resiste a um longo histórico de operações policiais e conflitos entre grupos armados que impactam quase que diariamente a vida de crianças, adultos e idosos. O preconceito, a ausência de serviços públicos de qualidade, a escassez de espaços de arte e lazer, a violência e as mortes destinadas ao território periférico são “justificados” pela guerra às drogas. Essa política de guerra

DOUGLAS LOPES



Realização e acolhimento: equipe, frequentadores e parceiros comemoram o primeiro ano de atividades do Espaço Normal

às drogas ignora a vida de milhares de famílias que moram no conjunto de favelas da Maré e o cotidiano de seus moradores, pessoas que estudam, trabalham, se divertem e têm sonhos, pelo argumento de que é necessário entrar na comunidade de forma violenta em busca de drogas ilícitas – não permitidas por lei – e de armas.

Em um território que sofre com a desigualdade social e econômica, ter acesso a alguma forma de expressão cultural ou artística só é possível pelo esforço dos próprios moradores em mostrar que a comunidade também tem potência e alegria.

São inúmeras apresentações de teatro, dança e poesia, mas discutir saúde mental e os danos que a violência causa nos moradores para a construção de um local de cuidado ainda é difícil, seja por medo do desconhecido

ou pela falta de informação.

A favela que adocece

Existem diferentes meios para cuidar do corpo e da mente. Buscar serviços privados de Psiquiatria ou Psicologia ainda são os meios tradicionais, mas nem sempre o valor da consulta é acessível para quem mora na comunidade, mesmo quando o atendimento oferece preços populares. “Quando a gente fala sobre saúde mental, estamos falando de um tipo de cuidado que, muitas vezes, as pessoas não têm acesso. As pessoas acham que não precisam ir no psicólogo ou psiquiatra, porque não são loucas. Quebrar a ideia sobre o que é ser louco e tirar o estigma criado sobre quem, realmente, tem uma questão agravada de saúde mental é muito importante”, explica Luna

Arouca, coordenadora do Espaço Normal.

Somente duas unidades públicas de saúde que trabalham com transtornos mentais atendem a uma população de 140 mil moradores da Maré. O CAPS II Carlos Augusto da Silva (Magal) oferece atendimento para adultos com transtornos mentais e o CAPSad III Miriam Makeba auxilia pessoas com transtornos associados ao uso de drogas – legais ou ilegais – como álcool, crack e outras substâncias.

Os CAPS e o CAPSad são centros de acolhimento nos quais pessoas atendidas e seus parentes podem fortalecer os laços familiares e comunitários, por meio do acompanhamento clínico, trabalho e lazer. Esses espaços sofrem com o sucateamento e o descaso, e com a má administração de verbas para manter seu funcio-

namento. “A ausência e sucateamento das unidades atrapalham muito no trabalho. Se tivesse mais estrutura, mais médicos, mais profissionais, eu acho que teria como realizar um trabalho melhor e abraçar os usuários da cena, após algum momento de violência que eles passaram”, conta **Vanda Santos e Sousa**, redutora de danos do Espaço Normal.

Os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) e CAPSad (Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) são unidades de saúde compostas por equipes de médicos, assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras, entre outros, destinadas a pessoas que sofrem transtornos mentais. “A equipe realmente precisa estar preparada com um número maior de profissionais. Atualmente, o CAPS trabalha com uma equipe de sete pessoas da Maré, que se dividem durante a semana, por isso fica uma equipe bem pequena e não consegue fazer um trabalho como deveria ser feito, ajudando essa pessoa nas questões que ela traz, como a violência que sofre no território, o consumo de drogas”, completa a redutora.

Construindo pontes

Esses centros de cuidado e outras organizações que pautam drogas, saúde e território, como o Espaço Normal, trazem à tona a importância da discussão sobre saúde mental, promovendo encontros e seminários sobre o tema.

O Espaço Normal é um local de convivência para quem busca acolhimento, cuidado, trocas e precisa suprir necessidades básicas, como as de alimentação, higiene e respeito. Idealizado pela Redes da Maré, o espaço é fruto de quatro anos de ações e pesquisas realizadas em áreas abertas de consumo de crack, álcool e outras drogas, especificamente na cena de uso da Rua Flávia Farnese, na Maré.

Uma das três frentes de atuação do Espaço Normal é a produção de conhecimento sobre o uso de drogas na Maré e os efeitos no cotidiano dos moradores. Em uma parceria entre Redes da Maré, UFRJ, UFRGS e

Queen Mary University of London (Reino Unido), a pesquisa “Construir Pontes: Fatores associados às experiências de violência e à saúde mental no conjunto de favelas da Maré” terá início na primeira semana de junho de 2019 e será realizada nas 16 favelas que formam a comunidade.

A pesquisa pretende identificar os impactos da violência e da desigualdade social na saúde física e mental dos moradores, além de avaliar de qual forma o acesso a expressões artísticas e culturais pode auxiliar no bem-estar dessa população. Além disso, entender as demandas em saúde mental

dos moradores e pessoas que se encontram em situação de rua e que fazem uso de drogas.

Seis entrevistadores irão conversar com moradores da Maré e frequentadores das cenas de uso de drogas. A pesquisa será feita de forma comunitária com as associações de moradores e organizações que atendem ao território.

A pesquisa não exclui a violência sofrida pelas outras comunidades do Rio de Janeiro, porém, a Maré apresenta um cenário complexo em sua forma geográfica e social, com uma grande concentração de pessoas em situação de rua e usuárias de drogas, que são alvo de preconceito e estigma, vivem em espaços destinados à moradia e, muitas vezes, nas chamadas “cracolândias”, além de moradores que têm seu cotidiano interrompido pela violência e assombrado pelo medo.

"As pessoas acham que não precisam ir no psicólogo ou psiquiatra, porque não são loucas. Quebrar a ideia sobre o que é ser louco e tirar o estigma criado sobre quem, realmente, tem uma questão agravada de saúde mental é muito importante."

LUNA AROUCA
Coordenadora do Espaço Normal

SE PRECISAR DE AJUDA, VISITE ESSES ESPAÇOS

CAPS II CARLOS AUGUSTO DA SILVA (MAGAL)

Área de atendimento: Manguinhos, Maré, Benfica e Tuiuti (AP 3.1)

📍 Avenida Dom Hélder Câmara, 1.390, fundos – Manguinhos

☎ Tel.: 2201-0180/ 97002-1427

CAPSAD III MIRIAM MAKEBA

Área de atendimento: Bonsucesso, Ramos e Maré (AP 3.1)

📍 Rua Professor Lacê, 485 – Ramos

☎ Tel.: 3889-8441

ESPAÇO NORMAL

Oferece: Espaços para higiene pessoal e repouso

Espaço de convivência: de segunda a sexta-feira, das 14h às 18h

Atendimento sociojurídico: quartas e sextas, das 14h às 18h

📍 Rua das Rosas, 54 - Nova Holanda

☎ Tel.: 3105-4767



DOUGLAS LOPES

Interior do Espaço Normal: cuidados para suprir as necessidades básicas

A gente não quer só comida

Dia do Cinema Nacional: bom pretexto para reafirmar a importância da cultura para uma vida de qualidade

HÉLIO EUCLIDES

O Cinema brasileiro nasceu no Rio de Janeiro, por meio das primeiras imagens capturadas da Baía de Guanabara, em 19 de junho de 1898. A data entrou para a história e é comemorada até hoje como o Dia do Cinema brasileiro. Mesmo diante de inúmeros desafios, a produção cinematográfica nacional tem feito bonito. Um exemplo aconteceu no último mês de maio: pela primeira vez na história, o Cinema brasileiro saiu do Festival de Cannes (na França e um dos mais conceituados do mundo) com dois prêmios importantes. “Bacurau”, dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, ganhou o Prêmio do Júri na competição principal; e “A vida invisível de Eurídice Gusmão”, de Karim Aïnouz, foi eleito o melhor filme na mostra paralela Um Certo Olhar. Não é pouca coisa.

Exibição

Apesar da grande importância de um filme, a película por si só não basta; é preciso um espaço adequado para a exibição. Dessa forma, as salas de cinema e os cineclubes cum-

prem o importante papel de reunir a plateia. No cineclube, o mais importante não é a renda de bilheteria e, sim, o filme e sua relação com o espectador. Essa prática contribui para reforçar os laços comunitários e a cidadania. Na Maré, alguns cineclubes se destacam: Cineminha no Beco, Novo Cinepop, Rabiola e o Conceição (uma homenagem à escritora Conceição Evaristo) são as “pratas da casa”.

O Cineclube Rabiola surge de uma identificação infantil com filmes exibidos na Lona Cultural Herbert Vianna. “Começou em 2014, como entretenimento, depois a temática foi conectar o filme com o Projeto Nenhum a Menos, no âmbito pedagógico. Um exemplo foi a exibição do filme “Extraordinário”, que emocionou as crianças e elas comentaram durante a semana”, lembra **Carlos Marra**, assistente de produção da Lona. “É um ato de resistência trazer discussões para as crianças, para que elas entendam a história por meio do Cinema. Construir uma narrativa que não é a nossa, mas a delas”, explica **Urubatan**



Cine Clube Rabiola: entretenimento para crianças e adolescentes na Lona Cultural

Odé, arte-educador da Biblioteca Municipal Jorge Amado. Para ele, esse retorno é um marco. “O objetivo é levar uma cultura de qualidade a quem, muitas vezes, não tem acesso, já que o cinema é caro. A exibição de filmes é algo mágico, embala grandes paixões”, afirma.

Everton Luiz, de 29 anos, é fã do Cineclube Rabiola. Além disso, se considera um cinéfilo, ou seja, um fã incondicional de cinema. “Assisti a todos os 500 episódios da série de Mangá Naruto. Fiquei um mês sem sair de casa. Estou na expectativa da volta

do cineclube aqui na Lona. Até quem não era muito de cinema, vinha participar”, conta.

A boa nova é que o Cineclube Rabiola está de volta. As sessões serão às quartas, de 15 em 15 dias, às 17h30. Outro que volta a funcionar é o Cineclube Conceição, que teve sessões no Centro de Artes da Maré e agora será exibido também na Lona, com uma “pegada” infantojuvenil, sempre na última sexta-feira do mês, às 19h – e com um *happy hour* ao final. Ou seja, no mês em que se comemora o Dia Nacional do Cinema, a Maré tem bons motivos para celebrar.

Amantes da sétima arte sentem saudades do cinema de rua

Os saudosos se lembram de uma época em que o cinema de rua fazia sucesso. Na década de 1960, existiam 198 cinemas na capital. Atualmente, na cidade do Rio há apenas 16 cinemas de rua. Muitos moradores da Maré frequentavam os cinemas mais próximos, como os de Olaria e Ramos. A decadência começou com a multiplicação das salas de exibição dentro

dos *shoppings centers*.

No final do ano passado, mais um espaço de exibição de filmes encerrou suas atividades, o Microcine Cinema Brasil, de Bonsucesso. Um resistente ao tempo é o Ponto Cine, de Guadalupe, que foi inaugurado em 2006, fechou por nove meses em 2018, mas não desistiu de levar filmes de qualidades por um preço acessível.

O POVO FALA

“Todo domingo era sagrado: depois do almoço, ir ao cinema era nossa diversão. Isso era década de 1960, minha família não tinha televisão, então adorava ir ao cinema assistir Mazzaropi, filmes de faroeste e o resumo da semana do futebol, com os filmes do Canal 100. O cinema de rua era um lugar de formar amizades. Ainda tinha o romantismo, quando via uma garota bonita pensava logo se ela iria sentar ao meu lado. Esses cinemas fazem falta”. **Celso Fernandes**, hoje com 66 anos de idade, morador da Praia de Ramos, era assíduo frequentador dos cinemas Santa Helena e São Geraldo, que ficavam em Olaria, e do Cine Rosário, em Ramos.

PELA MARÉ

Lona Cultural Herbert Vianna

Rua Ivanildo Alves, s/nº - Maré
As programações são gratuitas.

Cine Clube Rabiola

Acontece na Lona Cultural da Maré há 7 anos, sempre construindo propostas ligadas ao audiovisual (como técnicas pinhole, *stop motion*, fotografia, vídeo e desenho).

Quando - quartas-feiras quinzenais
Horário - 17h30

Oficina de Estencil Arte Transforma Vida

É mediada e conduzida pelo coletivo Arte transforma vida, que trabalha com pinturas de interiores e exteriores, quadros e camisetas, traz uma formação por meio de várias linguagens do cotidiano da periferia e favela com os alunos que integram o Coletivo Maré Crew.

Quando - todas as quintas-feiras
Horário - 14h às 17h

Oficina Makey makey/Pipas Lab com Lucas Dominique e Claudia Benett

A atividade consiste num trabalho interdisciplinar, que costura as disciplinas escolares com informática, programação e jogos, a partir de um aplicativo chamado Scratch e uma placa robótica de makey makey.

Quando - segundas-feiras, até dezembro.
Horário - 17h às 18h30

Oficina de percussão Panderolando

A oficina de percussão Panderolando propõe a iniciação e experimentação livre dos instrumentos de percussão.

Quando - sextas-feiras, até dezembro.
Horário - 17h às 19h

Quilombo Etu – Roda de Conversa: Criminalização do funk

Proposto por educadores, ativistas e arte-educadores, o Quilombo Etu é um coletivo que se propõe criar espaços-encontros de estudo, pensando pautas e demandas da população negra e de favela. Uma das frentes deste coletivo são rodas de conversa, em parceria com a Lona da Maré.

Quando - 28 de junho (quarta-feira)
Horário - 17h às 19h

Maré de Capoeira – Oficina de Capoeira

Tem por objetivo usar todos

os elementos da capoeira e da cultura popular brasileira como meio para desenvolver todo o potencial motor, artístico, cultural, social, musical e afetivo de crianças e jovens no Complexo da Maré.

Quando - todas as terças-feiras.
Horário - 15h

Oficina Costurando Afetos

Pensada a partir da prática e observação como educador, Carlos Marra propõe, nesta oficina, construir uma colcha-objeto coletiva, que partirá dos desejos, memórias e afetos dos jovens e crianças que farão esta costura.

Quando - segundas-feiras quinzenais, até dezembro.
Horário - 17h às 18h30

Ensaio Aberto do Arraiá da Lona

Celebrando os festejos populares e os chamados “Santos Juninos”, o arraiá da Lona terá um evento com programação para todos os públicos, contando com brincadeiras, gincanas e programação musical.

Quando - 14 de junho (ensaio geral)
Horário - 16h

Samba da Liberdade

Convidados: Grupo Beira de Calçada, Quilombo Etu e Maré de Capoeira

Quando - 29 de junho
Horário - 13h

Oficina Quilombismo para crianças

Nesta oficina, o Quilombo Etu pretende, com base no conceito do poeta, intelectual e escritor Abdias do Nascimento, refletir sobre práticas de aquilombamento em favelas, a partir do público infantojuvenil.

Quando - 21 de junho
Horário - 15h30

Lona na Rua: Visita à exposição Abdias do Nascimento no Centro de Artes Maré

Programa de visitas e passeios culturais periódicos, organizados pela equipe da Lona Herbert Vianna e seus parceiros, direcionados ao público infantojuvenil. Este mês terá a Visita à Exposição Abdias do Nascimento no Centro de Artes da Maré.

Quando - 12 de junho
Horário - 15h30

Fomusic – Fórum da Música e Cultura Independente Carioca

Esta 6ª edição será realizada na Lona da Maré, tendo como principais pautas: criação do Festival de Favelas, criação de Grupos de Trabalho, definição dos territórios de atuação e abertura

de inscrições de coletivos e artistas dos territórios.

Quando - 13 de junho
Horário - 17h

Dois anos da Marcha contra a violência – Ludicidade na Divisa!

Neste dia serão realizadas atividades educativas e lúdicas na divisa, se conectando com a Lona da Maré e refletindo sobre a violência e o avanço no acesso à justiça de maneira lúdica.

Quando - 19 de junho
Horário - 14h

Centro de Artes da Maré

Rua Bittencourt Sampaio, 181 - próximo à Passarela 10 da Avenida Brasil

Mostra Maré de Música

Os Três Forrozeiros e Convidadxs Especiais

Quando - 30 de junho
Horário - a partir das 18h

Fique ligado! Está sendo planejada para o início de julho A Jornada Saberes e Fazeres: o encontro da Universidade com o Centro de Artes da Maré.

Trata-se de um evento realizado pela Redes da Maré, em parceria com a UFRJ, Unirio e UERJ, com o objetivo de falar sobre o que foi produzido no âmbito da cultura como fruto dessas parcerias institucionais ao longo destes 10 anos do CAM. Em breve, programação completa no www.mareonline.com.br e na próxima Edição do Maré de Notícias.

PELA CIDADE

Galpão das Artes da Urbanas Helio G. Pellegrino

Exposição coletiva Liberdade! Liberdade, reunindo 14 artistas que usam o lixo para desenvolver suas obras. Para interagir com o público, os envolvidos irão promover em paralelo e gratuitamente aulas, sessões de arteterapia, dinâmicas, palestras, oficinas, projetos, entre outros trabalhos.

Funcionamento – Visita até 12 de julho, de segunda a sexta-feira, 9h às 17h

Localização – Avenida Padre Leonel Franca, s/nº - Gávea (sob o Viaduto Lagoa-Barra)

Contato: 3890-4960
Entrada gratuita

A Arte é Mulher no CCBB

Encontros artísticos comandados por mulheres de diferentes gerações.

Os eventos mensais e gratuitos com artistas e pesquisadoras mulheres reúnem música, *performance* e palavra. No palco Lan Lanh, Numa Ciro, Heloisa Buarque de Hollanda, Jussara

Silveira, Maíra Freitas e Irene Egler. Todo mês o projeto conta com uma convidada especial!

Classificação indicativa – 14 anos

Quando – 26 de junho - 19h

Localização – Rua Primeiro de Março, 66 – Centro

Casa do Sardo

O grupo Prata do Choro toca clássicos do choro de autores como Pixinguinha, Waldir Azevedo, Garoto, entre outros. É formado por Cleber Aguiar (bandolim), Marcos Tannuri (cavaquinho), Gilson Verde (violão 7 cordas) e Fernando Reis (pandeiro).

Quando – 09, 16, 23, 30 de junho 17h30 às 21h

Localização – São Cristóvão, 405 - São Cristóvão

Palácio do Itamaraty

Pouca gente sabe, mas o Palácio do Itamaraty, é aberto à visitação. Antigo palácio presidencial e sede do Ministério das Relações Exteriores, foi construído em 1854. Hoje, o palacete abriga o Museu Histórico e Diplomático, o Arquivo Histórico, a Mapoteca e a Biblioteca do Itamaraty.

Visitação gratuita – segunda a sexta, às 10h, 11h, 13h, 14h e 15h. Para grupos acima de 10 pessoas é preciso agendar pelo *e-mail*: ereri.museu@itamaraty.gov.br

Localização – Avenida Marechal Floriano, 196, Centro

Contato - 2253-2828

Lagoa Rodrigo de Freitas

Há montanhas em seu redor e uma vista linda do Cristo Redentor, além de impressionar com seu belo pôr do sol tornando-se um grande ponto de encontro, tanto para os cariocas quanto para os visitantes. Sua orla abriga parques e quadras de esportes.

Localização – Rua Epitácio Pessoa – Lagoa

Passeio Público

Ideal para contemplação, passeios e momentos de relaxamento, no jardim encontram-se ainda bancos, quiosques, pontes e espelhos-d'água.

Funcionamento – todos os dias, das 9h às 17h e das 14h às 20h

Localização – Rua do Passeio, Centro.

Campo de Santana

Local ideal para passeios, descanso e contemplação.

Funcionamento – todos os dias, das 9h às 17h.

Localização – Praça da República, s/nº, Centro.

RECEITA

Segredo de mestras

Para esta Edição, o Maré de Notícias leva aos seus leitores uma delícia produzida na cozinha do Maré de Sabores - projeto desenvolvido pela Casa das Mulheres, que oferece cursos de qualificação profissional em Gastronomia. Abaixo, uma das receitas ensinadas na oficina de Gastronomia do Maré de Sabores, realizada no último dia 22.

TORTA BANOFFE

INGREDIENTES

Massa

- 1 pacote de biscoito de maisena
- 1 colher de sobremesa de canela em pó
- 100 g de margarina

Recheio

- 1 lata de leite condensado
- 8 bananas-d'água
- 240 g de açúcar
- 120 ml de água

Finalização

- 150 g de chantilly
- 100 g de raspa de chocolate
- 1 colher de café de canela em pó

Utensílios necessários:

Balança, tábua de corte, liquidificador e forma de fundo removível.

PREPARO

Massa

Pese todos os ingredientes na balança. Pique e triture o biscoito no liquidificador até virar uma farofa. Na tigela, coloque a farofa, acrescente uma colher de sobremesa de canela e a margarina. Trabalhe a massa com a mão. Em seguida, distribua a massa na forma de fundo removível. Leve ao forno pré-aquecido para assar por 10 a 15 minutos.

Recheio

Coloque a lata de leite condensado fechada em uma panela de pressão e encha a panela com água até cobrir a lata. Leve ao fogo alto e conte 30 minutos após a panela começar a chiar. Tire a lata, deixe esfriar e reserve. Em fogo baixo, coloque o açúcar em uma panela, mexa para não encaroçar e não deixe queimar. Acrescente um pouco de água. Em seguida, coloque a banana cortada em rodela e deixe cozinhar por 15 minutos.

ATENÇÃO!

Não perca o próximo curso do Maré de Sabores.

Inscrições: de 1º a 30 de junho

Locais de inscrição:

- Casa das Mulheres**
Rua da Paz, 42 – Parque União
- Sede da Redes da Maré**
R. Sargento Silva Nunes, 1012 – Nova Holanda
- Lona Cultural Municipal Herbert Vianna**
Rua Ivanildo Alves, s/nº – Nova Maré

Início do curso: agosto

Duração: 4 meses

PICOLÉ

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Direta

Escreva o nome de cada definição nos quadradinhos.

..._ABO		LEFANTE		T, U, V, W, ..., Y, Z
			ENE	
..._A				
				...VOGADO
BELHA				
		..._PASSO		
	..._ÃO			
..._TRO				
	..._LHO	..._VILHA		
TAPETE QUE REVESTI O PISO DE UM AMBIENTE				

NOVA FRONTEIRA

Facebook: /EDITORANOVAFRONTEIRA
Instagram: @NOVAFRONTEIRA

Leoncio Nossa
ROBERTO MARINHO
O PODER ESTÁ NO AR

Leoncio Nossa
ROBERTO MARINHO
O PODER ESTÁ NO AR

Solução

L	V	A	R	A	L
E	T	E	V	E	C
R	M	O	R	M	H
A	S	M	A	L	E
A	O	C	A	F	I
I	C	M	C	R	T
A	V	A	O	N	A
M	E	T	I	M	E
D	A	V	A	E	G
R	B	O	L	A	R
M	N	S	A	I	N
V	X	E	I	A	G
M	S	Q			

Siga a **redes da maré** nas Redes Sociais

Facebook: www.facebook.com/redesdamare
Instagram: www.instagram.com/redesdamare
Twitter: www.twitter.com/redesdamare

e fique por dentro das novidades!